

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
GRUPO DE ESTUDOS EM FILOSOFIA E
LITERATURA**

**“ INVENTÁRIO E ESTUDO DA NARRATIVA ÉPICA BRASILEIRA
PRESENTE NA PRODUÇÃO ORAL TRADICIONAL E NA LITERATURA DE
CORDEL NORDESTINA”**

**Área de Concentração: Ciências Humanas, Outras Literaturas
Vernáculas, Linguística, Letras e Artes
Código CNPq: (8.02.00.00-1)
Voluntária: Jennifer Santos Rodrigues
Nº Matrícula: 201500247433**

**Orientadora: Profa. Dra. Vilma Mota Quintela
Departamento de Letras - DLI**

RELATÓRIO FINAL

Julho de 2016 a Julho de 2017.

JENNIFER SANTOS RODRIGUES

**INVENTÁRIO E ESTUDO DA NARRATIVA ÉPICA BRASILEIRA
PRESENTE NA PRODUÇÃO ORAL TRADICIONAL E NA
LITERATURA DE CORDEL NORDESTINA**

PLANO DE TRABALHO: “Inventário e estudo da épica brasileira presente na
Cordelteca digital do CNFCP”

Relatório Final de Iniciação Científica
apresentado à Coordenação de Pesquisa da Universidade Federal
de Sergipe.

Orientadora: Profa. Dra. Vilma Mota Quintela

Itabaiana/Se
2017

RESUMO

O Plano de Trabalho “Inventário e estudo da épica brasileira presente na Cordelteca digital do CNFCP” - vinculado ao projeto “Estudos sobre poéticas da oralidade: inventário e estudo da narrativa épica brasileira presente na produção oral tradicional e na literatura de cordel nordestina” - consistiu no inventário dos romances de cordel de temática épica, contidos no acervo digital do CNFCP (Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular). Criada a partir do encontro da cultura regional com a urbana, a literatura de cordel brasileira atualizou a oralidade sertaneja, introduzindo-a no âmbito da cultura impressa urbana pela mediação da escrita, consagrando-se como resultado dos esforços do migrante sertanejo nordestino para sobreviver nas cidades e assim disseminar a poética tradicional ao longo de nossa história cultural. Nesta etapa de finalização do presente plano, em linhas gerais, o trabalho consistiu na catalogação e estudo de cordéis de temática épica, localizados no referido acervo. Durante esta etapa, busquei aprofundar questões referentes a meu objeto de estudo (a presença da matéria épica na literatura de cordel brasileira), procedendo à leitura de um diversificado material teórico, no qual se incluem o livro *Vaqueiros e Cantadores*, de Luís da Câmara Cascudo; *A Letra e a Voz*, de Paul Zumthor; *Literatura popular em verso: estudos*, organizado por Manuel Diegues Junior, *Autores de Cordel*, de Marlyse Meyer, e por fim dois referenciais mais abrangentes e atuais sobre o tema que foram *Histórias de cordéis e folhetos*, de Márcia Abreu e *O cordel no fogo cruzado da cultura*, de Vilma Mota Quintela. Esse material ampliou o meu conhecimento sobre a literatura de folhetos nordestina e seus estudos, bem como sobre as poéticas da oralidade e seus temas, presentes no cordel, servindo de referencial teórico ao estudo da produção selecionada para análise.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura de Cordel. Narrativas Épicas. Pesquisa Arquivística.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	p.05
2. OBJETIVOS.....	p. 07
3. ATIVIDADES REALIZADAS.....	p.08
4. JUSTIFICATIVA DE ALTERAÇÃO DO PLANO DE TRABALHO.....	p.08
5. OUTRAS ATIVIDADES.....	p.09
6. RESULTADOS FINAIS.....	p.09
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	p.15
8. ANEXOS.....	p. 16

1. INTRODUÇÃO

A abordagem aqui realizada objetiva compreender aspectos de ordem sócio cultural e estética referentes às poéticas da oralidade e às suas manifestações no Brasil. Dentre os produtos da oralidade de significativa relevância cultural, cumpre destacar, neste plano de trabalho, a literatura de cordel. Criado a partir do encontro da cultura regional com a urbana, o cordel atualizou a oralidade sertaneja, introduzindo-a no âmbito da cultura urbana pela mediação do impresso, consagrando-se como resultado dos esforços do sertanejo nordestino para sobreviver nas cidades e assim disseminar a poética tradicional ao longo de nossa história cultural. O plano de trabalho “Inventário e estudo da épica brasileira presente na Cordelteca digital do CNFCP” consistiu em identificar, catalogar e estudar romances de temática épica encontrados no arquivo público digital do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular¹, com base em um referencial teórico previamente definido.

No período entre janeiro e julho de 2017, correspondente aos últimos seis meses de pesquisa, dediquei-me, à catalogação e, posteriormente, à análise de cordéis de temática épica, localizados no referido acervo, como também à leitura e ao fichamento de um diversificado referencial teórico, que me serviu de base a um estudo sobre a presença da matéria épica na literatura de cordel brasileira. Inicialmente, concentrei-me em duas produções que foram de grande valia para o norteamento acerca das temáticas principais deste trabalho, foram elas: *Vaqueiros e Cantadores*, de Luís da Câmara Cascudo, e *Literatura popular em verso: estudos*, organizado por Manuel Diegues Júnior. Esse material teórico possibilitou a ampliação dos meus conhecimentos sobre a poética tradicional desenvolvida no Nordeste brasileiro, facilitando a identificação de cordéis pertencentes aos ciclos épicos do boi e dos valentes, durante a catalogação dos mesmos.

Por meio da leitura dos capítulos “Características dos ciclos temáticos” e “A difusão dos temas cíclicos” (DIÉGUES JÚNIOR, 1986), pude compreender a importância dos temas épicos na literatura de cordel, todos eles originários do romanceiro tradicional, dentre os quais se sobressaem os ciclos brasileiros do boi e dos valentes. Dentre os estudos sobre esses ciclos épicos, destaco, também, o livro

¹ O acervo se encontra disponível no endereço eletrônico: www.cnfcp.gov.br › Acervos digitais.

Vaqueiros e Cantadores, de Câmara Cascudo (1984). Esse estudo, em particular, proporcionou-me um vasto conhecimento sobre o ciclo do boi no romanceiro tradicional brasileiro, que se desenvolveu entre o agreste e o sertão nordestino, entre o fim do século XVIII e o princípio do século XIX. Câmara Cascudo destaca as imagens do vaqueiro, elemento subordinado à ordem e às regras do fazendeiro (figura de poder máximo naquela organização social) e do boi, que entra como o espírito de liberdade e rebeldia. Essa temática civilizatória, inicialmente, cantada, persistiu e foi transferida ao cordel por volta do final do séc. XIX e início do século XX, se estendendo ao século seguinte².

Para o desenvolvimento deste trabalho de pesquisa, foi também providencial a leitura de estudos universitários contemporâneos sobre a literatura de cordel, incluindo-se, nesse grupo, *Autores de cordel* de Marlyse Meyer (MEYER, 1980), pelo qual entendi os aspectos mais técnicos da produção de cordéis, como a determinação da quantidade de páginas, uso da xilogravura e a divisão dos temas de cordel. Por meio da leitura de *Histórias de cordéis e folhetos* de Márcia Abreu (ABREU, 1999), compreendi as diferenças históricas e genéricas fundamentais entre o cordel brasileiro e o português. Com *O cordel no fogo cruzado da cultura*, de Vilma Mota Quintela (QUINTELA, 2005), pude esclarecer a importância do gênero cordel e seu caráter aglutinador de diversas forças culturais. Essas leituras foram importantes à contextualização histórica do cordel brasileiro, como também à identificação dos textos épicos presentes na Cordelteca digital do CNFCP. Dessa forma, pude avançar no estudo dos textos de cunho épico coletados, visando à conclusão da pesquisa por meio do estudo dos mesmos.

Durante a catalogação, prevista neste plano de pesquisa, foram coletados 22 cordéis do ciclo do boi e dos valentes, sendo eles: *História do boi mandingueiro e o cavalo misterioso* por José Bernardo da Silva; *A história do boi leitão ou o vaqueiro que não mentia* por Francisco Firmino de Paula; *O amor de Maristela e a luta de um boiadeiro* por Eneias Tavares dos Santos; *As aventuras de um vaqueiro na fazenda verdejante* por José Alves Pontes; *Os amores de Rosinha e as bravuras de João Grande ou os valentões do Teixeira* por Joaquim Batista de Sena; *O boi que falou em Bomfim de feira* por Rodolfo Coelho de Cavalcante; *História do boi misterioso* por Leandro Gomes de Barros; *História do valente Vilela* por José Bernardo da Silva; *O Valente Sebastião* por Manoel Camilo dos Santos; *O Valente testa de ferro* por Manoel Camilo dos

² QUINTELA, Vilma Mota. *O cordel no fogo cruzado da cultura*. 2005. P. 28.

Santos; *As profecias do boi misterioso* por João Damasceno Nobre; *O valente cascavel do sertão alagoano* por Manoel Caboclo e Silva; *História completa do boi arará do capitão Ferdinando* por Raimundo Oliveira; *O vaqueiro valente* por Geraldo Moreira de Lacerda; *Epopéia do boi Corisco ou a morte do vaqueiro desconhecido* por José Vidal Santos; *O vaqueiro Zé de melo e o boi misterioso* por João Severo da Silva; *Coco verde e Melancia ou Armando e Rosa* por José Camelo de Melo Rezende; *As bravuras de seu ventura na sua vida de vaqueiro* por José Gentil Girão; *A coragem de um vaqueiro em defesa do amor* por João Firmino Cabral; *História do boi vermelhinho* por Arievaldo Viana Lima; *O côco do boi Tungão* por José Costa Leite e *A história de Roque e Matheus do Rio São Francisco* por João Marthins de Athayde³. Em linhas gerais, o critério usado para a seleção dos textos coletados, feita por meio da ferramenta de busca do arquivo digital da CNFCP, consistiu em identificar cordéis que apresentassem traços representativos dos dois ciclos épicos tradicionais nordestinos, o dos valentes e do boi, e que representassem de forma mais expressiva essa temática.

2. OBJETIVOS

Os objetivos deste Plano de Pesquisa consistiram em:

1ª ETAPA (PRIMEIROS SEIS MESES)

1. Realizar leituras obrigatórias à construção do referencial teórico básico da pesquisa;
2. Localizar narrativas épicas nas coletâneas estudadas;
3. Estudar o romanceiro ibérico e o brasileiro, tendo-se em vista um primeiro contato com um dos temas épicos proeminentes da literatura de cordel.

2ª ETAPA (ÚLTIMOS SEIS MESES)

1. Realizar leituras obrigatórias à construção do referencial teórico necessário para pesquisa;
2. Localizar e catalogar narrativas épicas no arquivo da Cordelteca do CNFCP;
3. Identificar e analisar a presença da matéria épica na literatura de cordel, dando enfoque aos ciclos do boi e dos valentes.

³ Ver anexo.

3. ATIVIDADES REALIZADAS

1ª ETAPA

LEITURA E FICHAMENTO DOS REFERENCIAIS TEÓRICOS:

- 1.1. Romanceiro, de Almeida Garrett;
- 1.2. Cantos populares do Brasil, de Sílvio Romero;
- 1.3. Nosso cancioneiro, de José de Alencar;
- 1.4. “Estudo sobre a poesia oral no Brasil”, de Sílvio Romero;
- 1.5. A Épica Medieval Portuguesa. De A. J. Saraiva.

2. LEVANTAMENTO DE TEXTOS DE CARÁTER ÉPICO PRESENTES NAS ANTOLOGIAS ESTUDADAS.

3. REUNIÕES SEMANAIS PARA ORIENTAÇÃO COM A COORDENADORA DO PROJETO.

2ª ETAPA

1. LEITURA E FICHAMENTO DOS REFERENCIAIS TEÓRICOS:

- 1.1. *Vaqueiros e Cantadores*, de Luís da Câmara Cascudo;
- 1.2. *A Letra e a Voz*, de Paul Zumthor;
- 1.3. *Literatura popular em verso: estudos*, de Manuel Diegues Junior;
- 1.4. *Autores de cordel*, de Marlyse Meyer.
- 1.5. *Histórias de cordéis e folhetos*, de Márcia Abreu.
- 1.6. *O cordel no fogo cruzado da cultura*, de Vilma Mota Quintela.

2. PESQUISA NO ARQUIVO DA COLDELTECA DO CNFCP E INVENTÁRIO DOS CONDÉIS SELECIONADOS.

3. REUNIÕES SEMANAIS PARA ORIENTAÇÃO COM A COORDENADORA DO PROJETO.

4. JUSTIFICATIVA DE ALTERAÇÃO NO PLANO DE TRABALHO

- Não houve alteração no plano de trabalho.

5. OUTRAS ATIVIDADES

5.1.Participação, como ouvinte, dos seguintes cursos de extensão:

- “Estudo Analítico Comparativo do Poema”, na Universidade Federal de Sergipe.
- “Mídias: Alegria e miséria do sujeito moderno”, na Universidade Federal de Sergipe.
- “A legislação educacional em foco: olhares sobre a legislação local e a formação de futuros professores”, na Universidade Federal de Sergipe.

5.2. Atuação como monitora do curso de extensão “Estudo Analítico Comparativo do Poema”, na Universidade Federal de Sergipe.

6. RESULTADOS FINAIS

O presente trabalho consistiu em inventariar cordéis de temática épica, presentes no acervo da Cordelteca digital do CNFCP, bem como na catalogação, seleção e estudo de uma seleção desses exemplares. Para tal, foi realizada a pesquisa através da ferramenta de busca disponível no acervo. Foram catalogados um total de 22 cordéis, sendo eles: *História do boi mandingueiro e o cavalo misterioso* por José Bernardo da Silva; *A história do boi leitão ou o vaqueiro que não mentia* por Francisco Firmino de Paula; *O amor de Maristela e a luta de um boiadeiro* por Eneias Tavares dos Santos; *As aventuras de um vaqueiro na fazenda verdejante* por José Alves Pontes; *Os amores de Rosinha e as bravuras de João Grande ou os valentões do Teixeira* por Joaquim Batista de Sena; *O boi que falou em Bomfim de feira* por Rodolfo Coelho de Cavalcante; *História do boi misterioso* por Leandro Gomes de Barros; *História do valente Vilela* por José Bernardo da Silva; *O Valente Sebastião* por Manoel Camilo dos Santos; *O Valente testa de ferro* por Manoel Camilo dos Santos; *As profecias do boi misterioso* por João Damasceno Nobre; *O valente cascavel do sertão alagoano* por Manoel Caboclo e Silva; *História completa do boi araquá do capitão Ferdinando* por Raimundo Oliveira; *O*

vaqueiro valente por Geraldo Moreira de Lacerda; *Epopéia do boi Corisco ou a morte do vaqueiro desconhecido* por José Vidal Santos; *O vaqueiro Zé de melo e o boi misterioso* por João Severo da Silva; *Coco verde e Melancia ou Armando e Rosa* por José Camelo de Melo Rezende; *As bravuras de seu ventura na sua vida de vaqueiro* por José Gentil Girão; *A coragem de um vaqueiro em defesa do amor* por João Firmino Cabral; *História do boi vermelhinho* por Arievaldo Viana Lima; *O côco do boi Tungão* por José Costa Leite e *A história de Roque e Matheus do Rio São Francisco* por João Marthins de Athayde (Ver anexo.).

Um dos pontos importantes para essa fase final da pesquisa foi a leitura de obras como *Vaqueiros e Cantadores e Literatura popular em verso: estudos*. A contribuição dessas leituras resultou, não somente na catalogação do material proposto, mas também no reconhecimento de todo um contexto histórico e social em que essas narrativas estão envolvidas.

Na literatura popular encontramos traduzido o próprio espírito da sociedade. Daí porque muitas vezes velhas narrativas, tradicionalmente transmitidas, vão se enriquecendo de comentários favoráveis ou desfavoráveis, conforme o caráter do personagem, ou personagens, é visto pela sociedade local. Há como que uma incorporação da figura – herói ou bandido, vítima ou criminoso – aos próprios valores de julgamento do meio social. (DIEGUES JÚNIOR, 1986, p. 173.)

O contexto da chamada era ou civilização do couro, foi o pano de fundo em que os cantadores pintaram suas narrativas de bravuras de homens e animais que, ao seu tempo, serviam tanto para informar a população, por vezes de forma hiperbólica, sobre os acontecimentos em localidades muito distantes, quanto para entreter pessoas desde os mercados até os serões familiares nas fazendas. Cabendo ao cantador e a sua rabeca função importante no processo de propagação da literatura popular em todo o país:

A distração era o cantador. Dedilhando a viola ou arranhando a rabeca, o negro- escravo ou um curiboca “alvarinto”, recordava aventuras de cangaceiros ou doces romances de amor. Cantava xácaras portuguesas. O assunto mais sugestivo, depois do desafio, era a história dos entes que povoavam a vida do sertão, bois, touros, vacas, bodes, éguas, as onças, os veados. Essa fauna era evocada com detalhes de localização, indicações de nomes próprios que faziam rir a assistência. Os touros e bois, onças e bodes velozes contavam suas andanças, narrando as carreiras e os furtos cometidos.

O auditório, rudes vaqueiros encardidos do sol, veteranos das “catingas” e dos tabuleiros, vencedores dos saltos dos serrotes e das galopadas frenéticas no lombo das serras sem nome, acompanhava num interesse supremo o assunto que era explicação pessoal de cada um. (DA CÂMARA CASCUDO, 1984, P. 114)

Com o intuito de destacar as características da matéria épica presente nos cordéis coletados no arquivo, uso, como referência para a teoria épica, BAKHTIN (1988), que destaca características marcantes da epopeia, tais como o gosto pelo passado e pela lenda nacional. Fazendo sempre alusão a um passado absoluto, a epopeia se distingue do romance, gênero por natureza híbrido, que aboliu por completo a distância épica. Destaco um dos cordéis coletados do ciclo do boi, como exemplo do hibridismo característico do discurso romanescos, a “História do Boi Misterioso” de Leandro Gomes de Barros (1865 - 1918).

Inicialmente esse cordel aparenta construir suas bases puramente na épica. Situando a narrativa em um tempo histórico determinado, o narrador conta a história de um boi mítico, dotado de poderes sobrenaturais. No decorrer da narrativa, vê-se marcas do hibridismo decorrente da junção de aspectos épicos e romanescos. Nas quatro primeiras estrofes, o narrador introduz a temática a ser desenvolvida. Só no decorrer, nos é dado observar a presença da marca temporal própria do gênero romance. Assim, na 8ª estrofe lê-se:

*Foi em mil e oitocentos
E vinte e cinco este caso
Uma época em que o povo
Só conhecia o atraso
Quando a ciência existia
Porém oculta num vaso. ” (P. 4)*

Percebe-se que o narrador delimita, historicamente, os fatos narrados, traço ausente na épica clássica, cuja narrativa se desenvolve em um passado extinto, acabado e situado em um tempo historicamente indeterminado. Ainda no que se refere à constituição do foco narrativo, observa-se aí a existência do diálogo entre narrador e leitor, outra característica que mostra o formato híbrido dessa narrativa, situada entre o épico e o romanescos, como se vê na 7ª estrofe:

*É preciso descrever
Como foi o seu nascimento
Que é para o leitor poder
Ter melhor conhecimento*

*Conto o que contou-me um velho
Coisa alguma eu acrescento. (P. 4)*

Nesse cordel, o boi é visto como uma espécie de entidade mítica, e, por sê-lo, é envolto em uma atmosfera misteriosa. Em oposição, tem-se a representação do vaqueiro, possuidor de todas as atribuições características do herói tradicional, dotado de uma imagem de respeito e honra, cabendo-lhe a missão de capturar os touros desgarrados, tendo sua bravura posta à prova nas épocas de apartação:

*Muitos cavalos de estima
Atrás dele se acabaram
Vaqueiros que em outros campos
Até medalhas ganharam
Muitos venderam os cavalos
E nunca mais campearam (P. 3)*

*Zé preto do Boqueirão
Foi quem mais se aproximou
Quase pega-lhe a cauda
Porém não o derrubou
Ficou tão contrariado
Que depois disso chorou (p. 9)*

Ainda no âmbito da lenda nacional e do passado heroico, é possível destacar o uso da hipérbole em diversos pontos da narrativa, demonstrando-se, por meio desse recurso poético, a admiração pela estatura e habilidades sobrenaturais do boi, dignas, não de um qualquer animal, mas de uma entidade mítica:

*Ele é um boi muito grande
Tem o corpo demasiado
Não sei como corre tanto
Dentro de um mato fechado
Por isso é que muitos pensam
Que seja um boi encantado. (p. 16)*

As ações retratadas nessas narrativas, em muitos casos, eram feitas a mando dos fazendeiros, visto que os animais eram posse sua e os vaqueiros faziam o que lhes era mandado. Nesse panorama, a figura do fazendeiro representava o poder absoluto, perdurando, tal contexto, até a temática ser transferida da tradição oral para a escrita, coincidindo, esse dado, com o período de migração do povo sertanejo para as zonas urbanas nordestinas:

A matéria narrativa é calcada na realidade nordestina dos séculos XVIII e XIX, quando a criação de gado era a atividade econômica mais importante, reunindo ao seu redor grande parte da população. Essas composições, baseadas em eventos cotidianos, como fugas de animais que punham em xeque a habilidade dos vaqueiros, discutiam um aspecto crucial da vida das pessoas ligadas à pecuária. Curiosamente, o herói não era o homem, mas o

animal. Nenhum vaqueiro foi glorificado nessas composições. Os homens presentes nas narrativas representavam a ordem, a organização, o respeito às regras, enquanto os bois fugitivos simbolizavam a liberdade, a impossibilidade de se deixar subjugar, a valentia, a habilidade de fugir do adestramento. (ABREU, 1999, P. 82)

A tradição e repetição desses atos épicos continuou a ser repassada entre o povo nordestino tempo suficiente para ser imortalizada, chegando ao final do século XIX quando as cantorias começaram a ser impressas em forma de cordel. A partir daí as histórias dos bois que desafiavam seus algozes e contavam de forma poética suas bravuras e mortes, mantinham-se tanto na memória popular quanto no papel:

O animal não é um simples narrador em primeira pessoa, mas um narrador onisciente, que conhece o que se passa nas fazendas, as opiniões a seu respeito, os preparativos para sua captura, o pensamento de seus algozes. Ele nomeia os lugares por onde passou e cada um dos vaqueiros que saíram em seu encalço, embora o interesse maior fosse pelos animais e não pelos homens. (ABREU, 1999, P. 81)

Dando sequência a temática central do presente trabalho, tem-se o ciclo dos valentes. Recorrentemente comparado aos cangaceiros, o sertanejo valente é o típico justiceiro, cujos atos de revolta decorrem de sua posição desprivilegiada na sociedade quase feudal, em que ele se insere. O valente, por não se conformar com determinada situação, torna-se então uma espécie de herói para os sertanejos, exemplo de coragem para enfrentar a figura de ordem social daquele contexto. No cordel, especificamente, o final das narrativas que contam as façanhas desses homens de coragem segue uma linha bem similar: o herói vence os capangas e conquista a mão da filha do fazendeiro, uma forma idealizada e romantizada de um final feliz cantado por e para aquele povo que sonhava com a justiça:

[...] os romances sobre cangaceiros, que têm como antecedentes romances orais sobre valentes, difundiram-se a partir do cordel, introduzindo, no contexto da oralidade, certas particularidades do jornal. Esse é o caso da série de folhetos sobre o assunto, produzidos nas três primeiras décadas do século XX, nos quais interagem elementos da oralidade e do material impresso que lhes serviu de fonte. Tal aspecto constitui um dado diferenciador dos romances do ciclo de cangaceiros relativamente aos romances sobre anti-heróis já presentes na tradição sertaneja, antes da popularização da imprensa. [...] (QUINTELA, 2005, P. 15)

Cumprindo por fim, expor outro exemplo dos cordéis coletados, esse referente ao ciclo dos valentes, intitulado “Os amores de Rosinha e as bravuras de João Grande ou os Valentões do Teixeira”, de Joaquim Batista de Sena. Nesse cordel, são narradas as pelejas do valente João Grande contra o terrível fazendeiro Sabino, homem temível que matava os pretendes de sua filha Rosinha. Como herói épico, João está a todo tempo

consciente de sua existência, ele se encontra desnudo, aberto e à mostra, descrito por um alto nível heroico, num estado finalizado e coincide consigo em todos os aspectos até o fim:

*Você mandou eu matar
O tigre lá no serrote
Como também mandou
Pegar este novilhote
Já provei para o senhor
Que sou valente e sou forte (P.11)*

De modo geral, seguindo o modelo de heróis do ciclo, o vaqueiro valente vence não só o fazendeiro como seus jagunços. Sua bravura é tão descomunal que acaba “domando” o mau fazendeiro e por recompensa recebe a mão de sua filha:

*E disse para João Grande
Questão com tigo não quero
E durante minha vida
Como genro o considero
E dali foi que nasceu
O baião de Zé Lotero. (P.24)*

Finalizo destacando a importância das contribuições que essas poéticas da oralidade tiveram para a preservação identitária do Nordeste e de seu povo. Sem esse registro das ações dos antepassados dessa civilização não se teria a história contada através do ponto de vista do povo, do cantador que fornecia entretenimento e informação a quem passasse por onde ele estava a recitar seus versos, nem do cordelista a vender seus folhetos.

Como já foi dito anteriormente, uma temática capaz de resistir ao tempo justifica, por si só, a importância tanto para a história de um povo quanto para o incentivo a continuar a produção épica popular. Daí a relevância que o estudo feito durante esta pesquisa teve para minha formação como professora da área. Essa trajetória me fez perceber a necessidade da propagação dos estudos sobre a literatura tradicional popular, tanto no contexto universitário quanto na Educação Básica, para que esta não seja mais vista como um elemento exótico, e, sim, como uma parte importante e fundadora da nossa cultura.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Márcia. *Histórias de cordéis e folhetos*. Alb, 1999.

ALENCAR, José Martiniano de. *O nosso cancionero*. Pontes, 1994.

BAKHTIN, Mikhail. *Epos e romance*. *Questões de literatura e estética*, p. 397-428, 1988.

DA CÂMARA CASCUDO, Luís. *Vaqueiros e cantadores*. Editora Itatiaia, 1984.

DIEGUES JÚNIOR, Manuel et al. *Literatura popular em verso: estudos*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1986.

GARRETT, Almeida. *Romanceiro*. Imprensa Nacional, 1875.

MEYER, Marlyse. *Autores de cordel*. Abril Educação, 1980.

QUINTELA, Vilma Mota. *O cordel no fogo cruzado da cultura*. 2005.

ROMERO, Sílvio; BRAGA, Teófilo. *Cantos populares do Brasil*. Nova livraria internacional, 1885.

ZUMTHOR, Paul. *A letra e a voz*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

8. ANEXOS

ANEXO I

CORDÉIS COLETADOS

História do boi mandingueiro e o cavalo misterioso por José Bernardo da Silva:

<http://docvirt.com/docreader.net/Cordel/8196>

A história do boi leitão ou o vaqueiro que não mentia por Francisco Firmino de Paula:

<http://docvirt.com/docreader.net/Cordel/8098>

O amor de Maristela e a luta de um boiadeiro por Eneias Tavares dos Santos:

<http://docvirt.com/docreader.net/Cordel/707>

As aventuras de um vaqueiro na fazenda verdejante por José Alves Pontes:

<http://docvirt.com/docreader.net/Cordel/14541>

Os amores de Rosinha e as bravuras de João Grande ou os valentões do Teixeira por Joaquim Batista de Sena:

<http://docvirt.com/docreader.net/Cordel/14461>

O boi que falou em Bomfim de feira por Rodolfo Coelho de Cavalcante:

<http://docvirt.com/docreader.net/Cordel/1095>

História do boi misterioso por Leandro Gomes de Barros:

<http://docvirt.com/docreader.net/Cordel/8348>

História do valente Vilela por José Bernardo da Silva:

<http://docvirt.com/docreader.net/Cordel/9324>

O Valente Sebastião por Manoel Camilo dos Santos:

<http://docvirt.com/docreader.net/Cordel/20747>

O Valente testa de ferro por Manoel Camilo dos Santos:

<http://docvirt.com/docreader.net/Cordel/20802>

As profecias do boi misterioso por João Damasceno Nobre:

<http://docvirt.com/docreader.net/Cordel/23373>

O valente cascavel do sertão alagoano por Manoel Caboclo e Silva:

<http://docvirt.com/docreader.net/Cordel/28457>

História completa do boi arará do capitão Ferdinando por Raimundo Oliveira:

<http://docvirt.com/docreader.net/Cordel/40554>

O vaqueiro valente por Geraldo Moreira de Lacerda:

<http://docvirt.com/docreader.net/Cordel/60663>

Epopéia do boi Corisco ou a morte do vaqueiro desconhecido por José Vidal Santos:

<http://docvirt.com/docreader.net/Cordel/64599>

O vaqueiro Zé de melo e o boi misterioso por João Severo da Silva:

<http://docvirt.com/docreader.net/Cordel/69087>

Côco verde e Melancia ou Armando e Rosa por José Camelo de Melo Rezende:

<http://docvirt.com/docreader.net/Cordel/72325>

As bravuras de seu ventura na sua vida de vaqueiro por José Gentil Girão:

<http://docvirt.com/docreader.net/Cordel/72774>

A coragem de um vaqueiro em defesa do amor por João Firmino Cabral:

<http://docvirt.com/docreader.net/Cordel/91100>

História do boi vermelhinho por Arievaldo Viana Lima:

<http://docvirt.com/docreader.net/Cordel/66575>

O côco do boi Tungão por José Costa Leite:

<http://docvirt.com/docreader.net/Cordel/2444>

A história de Roque e Matheus do Rio São Francisco por João Marthins de Athayde:

<http://docvirt.com/docreader.net/Cordel/58605>

ANEXO II

RESUMO DOS CORDÊIS COLETADOS

História do boi mandingueiro e o cavalo misterioso por José Bernardo da Silva, os dois volumes irão abarcar a história do embate entre esses dois animais de origem sobrenatural. Depois de muitos esforços de vaqueiros e seus cavalos, aparece um oponente a altura do boi, o cavalo misterioso. Assim, o vaqueiro Genesio e seu cavalo encantado, conseguem capturar o boi misterioso ganhando a mão da filha do fazendeiro como recompensa. Ao fim da narrativa os dois animais, que estavam presos no mesmo lugar, somem de forma misteriosa.

A história do boi leitão ou o vaqueiro que não mentia por Francisco Firmino de Paula, o fazendeiro aposta com os amigos que o seu vaqueiro Dorgival nunca mente, e para pôr a prova, pede que sua filha Deolina o seduza e peça que mate o boi de estimação de seu pai, o boi leitão. Depois de muita insistência da moça ele mata o boi e seu patão o questiona, dorgival fala a verdade e provando seu valor ao patrão conquista a mão da moça além de reafirmar a confiança do seu patrão.

O amor de Maristela e a luta de um boiadeiro por Enéias Tavares dos Santos, Juilão fazendeiro desonesto tinha duas filhas. Maristela a mais bonita, se depara com a chegada de um boiadeiro de Minas Gerais, que depois de lutar com os cabras do pai se defronta com a moça e ambos se apaixonam. De imediato travam uma luta contra o fazendeiro e seus capangas e acabam vencedores.

O boi que falou em Bomfim de feira por Rodolfo Coelho de Cavalcante, um boi preto falante assusta Adrelino, depois desse ocorrido se espalham os rumos desse animal e diversos vaqueiros tentam capturá-lo, porém todos são derrotados, só há resolução para o caso quando Adrelino reza para a Virgem da Conceição e o boi endiabrado some.

Os amores de Rosinha e as bravuras de João Grande ou os Valentões do Teixeira por Joaquim Batista de Sena, João Grande enfrenta o cruel fazendeiro Sabino que mandava matar qualquer pretendente de sua filha, Maristela se apaixona por João e ele luta pela mão dela, além de conseguir isso ele também conquista o respeito do fazendeiro.

As bravuras de um vaqueiro na fazenda Verdejante por José Alves Pontes, no sertão do Maranhão, o coronel Jararaca é dono da fazenda Verdejante e tem uma filha chamada Faustina. Um vaqueiro pernambucano Otaviano à procura de emprego chega na fazenda e de primeiro momento já enfrenta os capangas de Jararaca, conseguindo o trabalho de vaqueiro de imediato, porém o velho combina de matá-lo enquanto dorme, a moça vai de encontro à ele para contar as intenções do pai, daí em diante começa um longo tiroteio. O fato acaba com a morte de seus oponentes e amedrontamento do velho Jararaca de tal forma que ele, ficando a fazenda para Otaviano e Faustina.

História do valente Vilela por José Bernardo da Silva, Vilela assassina várias pessoas durante sua vida, amedronta toda a cidade e a até um tenente e seu pelotão foram mortos por ele. Até que um alferes com uma tropa de 180 homens decide dar voz de prisão para Vilela, os dois que travam uma luta por horas. Por fim a mulher de Vilela suplica

que deixe o alferes viver, ele vai embora desonrado e se mata de desgosto, em seguida Vilela morre e vira santo.

História do boi misterioso por Leandro Gomes de Barros, a história de um boi sobrenatural que fez se perder diversos cavalos e até vaqueiros desistirem da sua profissão. Depois de tantas derrotas o coronel Senzinando, dono do boi misterioso, oferece uma recompensa, chega um vaqueiro com um cavalo preto de origem tão misteriosa quanto a do boi. O vaqueiro persegue misterioso até uma encruzilhada, ambos, o boi, o vaqueiro e o cavalo somem.

O Valente Sebastião por Manoel Camilo dos Santos, o jovem Sebastião avista Rosinha, filha do fazendeiro Felisberto, homem cruel e com fama de bandido, e por ela enamora. Em seguida o vaqueiro vai em busca do pai da amada e lhe pede um emprego. O velho contrata um cangaceiro para matá-lo, Sebastião dá fim ao assassino e pede ajuda a negra da casa para fugir com Rosinha. Porém, o filho da negra vai em seu lugar vestido como a mãe, ele luta com Sebastião e é morto, vitorioso, Sebastião ganha a mão de Rosinha.

O Valente Testa de ferro por Manoel Camilo dos Santos, Capitão Valdervino cruel e amigo de cangaceiros que atormentavam os pobres e sua filha Carmelita. Mansinho era um dos capangas, maculava crianças e mulheres, até desonrar a família de José, o valente Testa de ferro, esse irá fazer justiça em nome da sua família que foi destruída pelo jagunço. Ao final encontra Carmelita filha de Valdervino e se apaixonam, além de forçar o cruel Mansinho a casar com a irmã maculada.

O Valente Cascavel do sertão alagoano por Manoel Caboclo e Silva, Cascavel enfrenta todos, mata vaqueiros e fazendeiros e mata uma tropa de soldados sozinho. O encontro dele com Armando, um jovem vaqueiro nobre, acontece justamente quando o rapaz ia de viagem para o Sul de Alagoas onde o valente se encontrava fazendo suas atrocidades e estuprando as filhas dos fazendeiros. Armando chega no momento em que Cascavel está a ponto de fazer mais uma de suas atrocidades com a mulher e a filha do fazendeiro. Por fim o vaqueiro mata o valente e casa com Helena, filha do fazendeiro que salvou.

As profecias do boi misterioso por João Damasceno Nobre, Belisário fazendeiro rico e mesquinho, tinha uma vaca chamada paciência, ela pariu um boi agigantado de nome Mandú, todos os vaqueiros tentavam capturá-lo sem sucesso, até que Serapião, um vaqueiro de confiança aposta com o patrão que o boi é encantado e reúne homens para capturar o animal. O boi derrotou todos os vaqueiros, e fala para que reúnem as pessoas e faz um sermão antes de morrer, o animal fala das injustiças e ganância do homem e prevê desgraças, o fazendeiro mesquinho ouve o boi e ajuda os pobres.

História completa do boi Araçá do capitão Ferdinando por Raimundo Oliveira, no Ceará nasce na fazenda Jatobá o boi Araçá. Feitosa, dono da fazenda, manda seus vaqueiros na época da apatação capturar o boi Araçá, vários cavalos e seus donos são mortos. Depois de muita luta descobrem que o boi foi criado secretamente por João Pereira, um feiticeiro e só ele conseguiriam pegar o boi. João doma Araçá e o leva para Feitoza. Anos depois João morre e no mesmo dia o boi também, porém seu corpo

some. Um ano depois do ocorrido a fazenda começou a ser assombrada pelo espírito do boi e de João, o fazendeiro desesperado vende tudo e vai embora do sertão.

O vaqueiro valente por Geraldo Moreira de Lacerda, Quirino da Paraíba um vaqueiro sem igual consegue trabalho da fazenda do coronel Pedro Ramo do Piauí. Após conseguir derrotar ladrões que tentavam invadir a fazenda de seu patrão, Quirino ganha a mão de da filha de Pedro chamada Aceli, e a moça revela sua paixão por ele.

Epopéia do boi Corisco ou a morte do vaqueiro desconhecido por José Vidal Santos, Raquel, filha de Major Antônio Mozardono, se apaixona por um vaqueiro que promete ser o primeiro a pegar o boi Corisco de seu pai. Depois da captura de outros bois mas não de Corisco o vaqueiro faz outra tentativa, perseguindo o boi com seu cavalo e um cão, seus animais conseguem capturar o boi, mas o moço sem nome morre trapassado por um galho de jurema, Raquel fica desgostosa da vida e morre em castidade.

O vaqueiro Zé de melo e o boi misterioso por João Severo da Silva, o fazendeiro José Barbosa em uma de suas grande festas na fazenda se depara com um boi misterioso que fala, faz confusão e assusta o povo. Depois do ocorrido, um dia cuidando do gado, o fazendeiro vê o boi misterioso e o persegue, trava-se uma luta entre o cavalo do fazendeiro e o boi, o fazendeiro tenta atirar no boi e acaba matando seu cavalo. Diante de tanta revolta Barbosa convoca centenas de vaqueiros que foram prontamente derrotados pelo misterioso, até a chegada de Zé de Melo, que some junto com o boi de forma misteriosa.

Côco verde e Melancia ou Armando e Rosa por José Camelo de Melo Rezende, Coco verde, Armando, e Melancia, Rosa, apaixonados desde a infância são separados pelo professor que descobre o namoro entre eles. Depois de crescidos Armando pede a mão de Rosa ao pai, Tiago, que tenta de todas as formas separá-los, faz com que o rapaz viaje e simula a morte da filha sem sucesso, Armando descobre a mentira e derrota Tiago.

As bravuras de seu ventura na sua vida de vaqueiro por José Gentil Girão, Ventura foi grande vaqueiro e conta nesse volume suas andanças e conquistas e de seus colegas na captura de barbatões no seu tempo de juventude.

A coragem de um vaqueiro em defesa do amor por João Firmino Cabral, o fazendeiro Capitão Miguel e seu vaqueiro Gabriel, vaqueiro justo e corajoso, enfrentam o fazendeiro Jacinto cruel, que aprisionava sua filha Bernadete, o vaqueiro vai buscar o boi roubado do patrão, acaba encontrando a moça que lhe avisa da emboscada de seu pai, ele recupera o boi e enfrenta junto com seu patrão o cornel e seus capangas, o velho é derrotado e morre de raiva.

História do boi vermelhinho por Arievaldo Viana Lima, O boi vermelhinho conta a história da sua vida desde o nascimento e seus tormentos com os vaqueiros que o encontravam, e que apesar das secas mesmo assim o boi foge e contraria os vaqueiros derrotados.

O côco do boi Tungão por José Costa Leite, o fazendeiro Lino Ferreira vê o boi tungão junto com o seu gado, vendo que o touro não era seu e que de imediato correu o

vaqueiro foi em seu encalço porém sem sucesso. Até a chegada de Socó-Pode, ele campea atrás do boi num bode, o vaqueiro captura o boi e termina festejando.

A história de Roque e Matheus do Rio São Francisco por João Marthins de Athayde, um rapaz vendedor viajante se apaixona pela filha de um fazendeiro, ele foge com a moça e encontra o pai dela que diante de tanta coragem do moço de fugir e se lançar ao rio e mesmo assim sobreviver em nome do amor, acaba cedendo sua filha e casa os dois.